Passe e transferência

O desejo do analista e o termo da transferência*

Comentário do Discurso à Escola Freudiana de Paris de Jacques Lacan

Antonio Quinet

Cortesia e confraternidade

Gostaria de começar meu comentário ao Discurso à Escola Freudiana de Paris referindo-me a um binômio presente nesse texto e colocado por Lacan como o que deve marcar a comunidade de Escola dos analistas: a cortesia e a confraternidade. São elas que devem nortear a relação entre colegas que discutem a Escola, como estava ocorrendo na Escola Freudiana de Paris, nesse momento de dezembro de 1967 com a discussão da Proposição lançada por Lacan dois meses antes.

Não pretendo estar à altura do comentário detalhado e exegético que esse texto necessita; minha leitura foi norteada pelas questões que me habitam atualmente a partir do que tem sido discutido não só na Comissão Crítica do Passe mas também em nossa comunidade a nível local e também internacional.

A primeira questão: o passe antes do final da análise, como o passe na entrada que foi instaurado na Escola Brasileira de Psicanálise, é o passe de Lacan? A segunda: a emergência do desejo do analista é contemporânea ao final de análise? E a terceira: qual o destino da transferência em uma análise?

A solidão do ato e o narcisismo da solidão

Esse texto é uma resposta de Lacan, dada no dia 6 de dezembro de 1967, às opiniões da sua comunidade, chamada de rede, suscitadas pela "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o analista da Escola". Não vou me deter nas respostas pessoais, que mereceriam certamente um estudo, pois minha escolha é a de tentar avançar alguns pontos de doutrina aqui presentes. São pontos positivos (mais do que respostas a acusações) sobre o que Lacan esperava do passe, que – já posso adiantar – não é o testemunho e a demonstração do final de análise, como parece ter-se tornado a doxa da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), e sim "que o ato analítico possa ser aprendido no tempo em que se produz".

A "Proposição" é aqui considerada por Lacan, e ele insiste muito sobre isso, um ato (como a Ata da fundação da Escola) que não estavam querendo avalizar. Entretanto, como ato, ela não depende de nenhuma audiência como, por exemplo, a banca universitária de uma tese. Fazendo a oposição entre tese e ato, Lacan aponta que a Proposição do passe não é uma tese a ser defendida e demonstrada e sim um ato posto no escrito, como que na parede para ser lido, ela é, digamos, um "textoato". Lacan não a diferencia do ato analítico, que é o ato em que o analisante se torna

---

* Trabalho apresentado em Lições de Lacan no Rio de Janeiro no dia 6 de agosto

analista. Como ato, a Proposição implica solidão, pois o ato é de um só, um sozinho – não há ato coletivo. Se o ato implica estar só (*seul*), isso não significa que quem o efetua seja o único (*le seul*). Lacan adverte sobre a equivocação entre *seul* e *le seul*, entre o "sozinho" de solidão e "o único" do Um da exceção. Trata-se da referência a sua frase "só (*seul*) como sempre estive em minha relação com a causa analítica", da Ata de fundação da EFP, e ele se defende da acusação de que ele quisesse ser *le seul*, o único a ter relação com a causa analítica. Considerar-se o único "é uma carapaça ao estar só". Aquele que tem a impressão de ser o único, na verdade, está se defendendo contrafobicamente da solidão do ato analítico, de estar só com a causa analítica. Essa carapaça tem como correlato a enfatuação, o que poderíamos considerar como uma doença do analista: o analista fóbico da solidão do ato [a] veste-se com essa carapaça da autonomia do eu [i(a)] e se crê enfatuadamente o único. O só do ato corresponde ao objeto *a* e o considerar-se o único corresponde ao matema do eu, i(a), como "carapaça de a".

Esse único se refere a quê? A um tipo de narcisismo, que podemos chamar de "o narcisismo da solidão", que não é muito diferente do narcisismo da pequena diferença, que Lacan chama de terror conformista e que tem como resultado o isolamento. Podemos nos perguntar se a tendência do "analista independente" não seria uma escolha determinada por esse narcisismo da solidão. A solidão do ato analítico se distingue do estar isolado pois é um ato que implica o laço social: o discurso do analista. Mas há algo que pode vir suportar a solidão do analista: a Escola.

A Escola é o suporte dessa solidão, ela pode acolhê-la e Lacan diz que, na verdade, renunciou à solidão ao fundar a Escola. Isso quer dizer que ele não estava isolado e tampouco que era o único a ter relação com a causa analítica. Mas será que isso significa que a Escola é o lugar em que se pode dizer "Ah! Que bom! Então não estou mais só?". Estarmos juntos significa não estar mais só? A meu ver não, pois a Escola não é o lugar da cola. Em primeiro lugar, porque cada um se vira sozinho com a experiência analítica e a Escola não escamoteia nem supera isso. Também significa dizer que tampouco há supervisão que possa vir a suprir esse virar-se sozinho com o ato analítico. Em segundo lugar, o ato analítico é de um só, de um sozinho, cuja responsabilidade não pode ser dividida. Em terceiro lugar, a relação com a causa analítica é uma relação solitária que não se partilha como uma herança.

Dispor do ato analítico

A Escola não é portanto a partilha da relação com a causa analítica nem é a partilha da causa analítica. A Escola é o lugar onde cada analista, diz Lacan, pode "dispor da relação com o seu ato analítico". Eis a definição que esse texto apresenta de Escola. O que quer dizer isso?

Em primeiro lugar, dispor da relação com o ato analítico não é uma coisa evidente e automática, pois o ato analítico se dá no interior de uma análise, sendo necessário um lugar para que o analista tenha à sua disposição essa relação, que por si mesma é solitária. O analista, apesar de ser o único a ter relação com seu ato

analítico, não dispõe dela, ele precisa de uma Escola.

Dispor da relação com o ato analítico, interpreto eu, significa estabelecer, falar, escrever, restituir, transmitir o ato analítico para que dele o analista possa dispor. Esse dispor se conjuga com expor. Assim como o ato da Proposição necessitou um escrito para ser lido, da mesma forma o ato analítico precisa passar pelo relato para ser escutado. É o que Lacan nomeia nesse texto "a aporia do seu relato", do seu *compte-rendu*, aporia de prestar contas do ato analítico, pois trata-se de relatar o ato que se dá, como todo ato, no "eu não penso", portanto, fora do significante.

É só ao expor, nesse lugar que é a Escola, o ato analítico que o analista vai dispor dele. A Escola é portanto esse lugar do Outro da disposição do ato analítico. A Escola é o Outro como lugar dessa aporia; é o lugar da dificuldade lógica em relatar o ato analítico. Não é o Outro consistente que goza, não é um Outro que possa ser encarnado. É o Outro como lugar, o Outro para a averiguação do desejo do analista, que por definição é um desejo em que o Outro falta.

É uma aporia porque se trata de transformar em relato aquilo que se dá em ruptura com tudo o que foi a análise do sujeito, ou seja, em ruptura com a cadeia do pensamento inconsciente – o corte do ato psicanalítico. A aporia implica marcar o que é êxito e o que é fracasso no relato do ato. O êxito do ato analítico pode não refletir no êxito de seu relato, ou seja, pode haver êxito no ato analítico e fracasso em sua transmissão no dispositivo do passe. Há um aporia relativa tanto ao desejo do analista quanto ao ato analítico, que é a resistência de passar ao dito, que é própria do real que está em jogo na formação do analista.

Qual a relação entre o ato analítico e a Escola? Há uma diferença em considerar o ato analítico como agente da Escola e a Escola como agente do ato analítico. Este se institui como agente – como podemos ler no lugar do agente do discurso do analista – onde está o analista semblante de objeto *a*, é ele que agencia a Escola como lugar de se dispor desse ato. O que seria a Escola, enquanto instituição, como agente do ato? Não terá sido isso que ocorreu com as Escolas da AMP, quando o Delegado Geral se torna o Outro do passe, determinando direta ou indiretamente quem deve ser nomeado?

Quando a Escola é o lugar onde o Outro agencia o ato, não se trata mais do ato do analista, mas de passagem ao ato, e, nesse caso, o fracasso em canto algum é êxito, aí o fracasso é garantido. A diferença entre o ato falho e o ato analítico é o ponto a partir do qual podemos interpretar esse trecho onde Lacan fala do fracasso e do sucesso. Podemos entender o fracasso do ato como equivalente a um ato falho. Por um lado, o ato falho é bem-sucedido porque ele produz a falta e põe o sujeito em causa – abertura do inconsciente. Quando o ato analítico fracassa, ele é ato falho, ou seja, bem-sucedido para o analisante na via do deciframento do inconsciente, ao ser considerado no *a posteriori* do desejo do analista, o qual, este sim, implica o ato analítico. Temos um ato que é interpretado na hora como um ato analítico, mas que se verifica adiante (quando há efetivamente o ato analítico e a emergência do desejo do analista) ter sido um ato falho. Esse ato, que foi malsucedido como ato analítico, é bem-sucedido como formação do inconsciente na via psicanalisante.

A saída

"É somente a partir do ato psicanalítico que é preciso situar o que articulo como desejo do analista". Este não tem nada a ver com o desejo de ser analista o qual Lacan diferencia muito claramente nesse texto, onde ele nos fornece uma definição preciosa do desejo do psicanalista: trata-se de um lugar. O desejo do psicanalista é um lugar do qual "estamos fora sem pensar nisso", ou seja, é um lugar que está fora da cadeia significante, está do lado do "não penso", fora da cadeia significante, fora do inconsciente, topos de real. Porém, "ao se encontrar aí já se saiu dele" – eis sua aporia sob forma de charada. Ao ser achado, ele já escapou. Na análise, a saída do desejo do analista implica na entrada do desejo inconsciente como via analisante.

Ao tentarmos articular o desejo do analista dentro da cadeia significante, nós não estamos mais no desejo do analista, estamos no desejo inconsciente. È fundamental, portanto, a distinção entre desejo inconsciente e desejo do analista: o desejo do analista é um lugar "num percurso de infinitivos" que são os infinitivos da demanda: pedir, chorar, sofrer, falar, amar, esperar, abandonar, expulsar. Infinitivos que se conjugam com seus particípios passados: ser falado, ser amado, ser esperado, ser abandonado, ser expulso. O desejo do analista é um lugar nesse percurso que, embora não seja articulável pelos significantes dessas demandas que o analisante percorre, se encontra articulado.

O desejo do analista é articulado ao "*sens-issue* da demanda", ou seja, ao sem-saída da demanda, pois não há saída possível da demanda quando se fala. Porém, ao invés de Lacan escrever sem-saída como era de esperar, *sans-issue,* ele escreve *sens-issue* (no lugar do sem ele coloca o sentido). Como podemos ler isso? O *sens-issue* evoca, por um lado, o sem-saída: a via psicanalisante da articulação dos infinitivos da demanda não tem saída para o desejo do analista. O sem-saída da demanda mostra que a saída pela via da demanda equivale à saída pelo sentido, que não é uma saída para o desejo do analista. Não é a partir da saída pelo sentido que vamos encontrar o desejo do analista, isto é um impasse para ele. Podemos contrapor a demanda ao desejo do analista: a saída pelo sentido se contrapõe ao sentido da saída que é o desejo do analista. Este indica o sentido da saída do âmbito da demanda, ele é a porta de saída do domínio do Outro da demanda, que é a saída do âmbito do sentido. Da demanda de ser analista, a única saída é o desejo do analista.

Qual o *sens*, o sentido do desejo do analista? *C'est l'issue*. É a saída. Saída no "não penso" do ato analítico. O sem-saída dos infinitivos da demanda tem uma solução que é promovida pelo desejo do analista: trazer de volta a demanda à pulsão, fazer valer o real em jogo na demanda, fazer o sujeito passar do jugo dos significantes da demanda para o âmbito pulsional. O impasse da demanda é desvelado como o impossível do real: esse é o topos do desejo do analista, saída do sentido.

O desejo do analista se encontra na saída do sentido no percurso das demandas, ou seja, ele é impossível de ser demandado e muito menos de ser satisfeito. "A demanda do neurótico", diz Lacan mais adiante, "dá o ponto em que o desejo do analista não é articulável". Há portanto uma diferença estrutural entre o desejo do

analista e o desejo de ser analista. Este equivale à demanda de uma qualificação profissional, não sendo portanto diferente da demanda do neurótico que é demanda de amor, demanda de reconhecimento. Assim existe a oposição entre o desejo do analista e a demanda infinitiva, nesse mesmo texto ele opõe o ato analítico e a via psicanalisante. Uma das grandes aporias do ato analítico é que o sujeito na análise fazendo o deciframento do seu inconsciente não desemboca necessariamente no ato analítico, no ato em que há decisão de ser analista. O ato analítico é atópico em relação à via analisante do deciframento inconsciente. Sua lógica se articula com essa via, mas não é a mesma. O desejo do analista se encontra em escansão, corte, ruptura, hiância em relação à cadeia significante.

Desejos diferenciados

Para avançarmos proponho diferenciar o desejo do analista do desejo inconsciente.

O desejo inconsciente é articulado à lei: "a lei e o desejo recalcado são uma única e mesma coisa" . Desejo articulado à significação fálica produzida pela metáfora paterna, é o desejo articulado pelo Édipo. É o desejo do inocente que vem à análise e que não se acovarda diante da perspectiva de destituição subjetiva, pois ele segue unicamente a "lei do seu desejo", como diz Lacan na Proposição. Desejo articulado à lei inscrita no Outro, ele é desejo do Outro.

O desejo do analista não é equivalente à lei, ele não é edipianamente constituído, mas se situa para-além do Édipo, para-além da lei. Ele é articulado à "significação de um amor sem limites" pois ele está fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver. O desejo do analista não é desejo do Outro pois ele advém do encontro com a não consistência do Outro, ele é correlativo à ausência do Outro. É um desejo sem Outro: ele vem no lugar do desamparo

O desejo inconsciente é articulado a uma questão (*Che vuoi*?) e sustentado pela fantasia, que constitui a principal resposta do sujeito à questão do desejo. Resposta articulada pelas coordenadas simbólicas do Outro cuja via analisante cabe decifrar para, a partir delas, construir a frase da fantasia fundamental. Enquanto o desejo inconsciente é uma pergunta, o desejo do analista é uma resposta. É uma resposta do analisante ao sem-saída da via da demanda, uma resposta à ausência de resposta do Outro, uma resposta ao desamparo.

O desejo do analista é um desejo para-além da fantasia, que não se sustenta em nada: ele é lugar vazio, que o analista oferece ao analisante. Ele é uma vaga para que aí possa se instalar o desejo do analisante como desejo do Outro. Ele é como uma vaga de garagem. O desejo do analista é a vaga onde o bonde chamado desejo do analisante pode estacionar pelo tempo necessário de uma análise.

O desejo inconsciente é metonímico – é metonímia da falta-a-ser. É o que Lacan chama desejo puro que é desejo de nada, de nada que seja palpável pelo significante ou pelo imaginário. O desejo do analista não é um desejo puro, ele é articulado à causa – ao objeto causa de desejo que se fez causa analítica para o analisante

que disso fez ato. Eis por que ele é desejo de obter a pura diferença a ser produzida por outro sujeito. A pureza não está mais no desejo mas na diferença que esse desejo visa obter em sua radicalidade. Não é obrigatório que em toda análise ocorra o advento da causa analítica como destino da causa de desejo. Daí Lacan fazer equivaler o desejo do analista ao próprio ato analítico, que assinala essa virada do desejo inconsciente ao desejo do analista, virada da causa de desejo à causa analítica.

Desejo inconsciente	Desejo do analista
$[S - S_1]$ $\xrightarrow[d]{}$ $\uparrow$	$[a \xrightarrow[d]{} ( )]$
desejo ávido de significantes falta-a-ser *want-to-be*	desejo de uma causa: a causa analítica

O desejo inconsciente se articula com a demanda, circula nos significantes da demanda. O desejo do analista está para-além da demanda. O desejo de ser analista é uma demanda de ser, de ser nomeado por um significante do Outro, que se articula com o desejo inconsciente vinculado aos ideais do sujeito [I(A)]. O desejo do analista não é articulável à demanda do neurótico, é inédito. O desejo de ser analista, que condiciona a demanda de análise para fins de formação, é equivalente à demanda do neurótico que "condiciona o ponto profissional, a comédia social com que a figura do analista é forjada". A Proposição de Lacan sobre o analista da Escola pretende incidir nessa demanda, modificando-a.

O desejo de ser analista, sim, ele se interpreta, se analisa e podemos inclusive dizer que talvez esse desejo de ser analista não desapareça completamente no final da análise, apesar de ele não se confundir com o desejo do analista. Todos os ideais desaparecem com a análise? Não, inclusive o desejo de ser analista, que é da ordem da demanda, talvez não desapareça. O desejo de ser analista atrapalha muito o desejo do analista, e ele pode vir justamente fazer irrupção na comunidade dos analistas lá onde o desejo do analista falha, ou seja, quando aparece a demanda de reconhecimento desse "ser analista", ou então no narcisismo da solidão que se presentifica nas figuras mais obscenas que ele pode revestir. O "eu sozinho dou conta", fruto do narcisismo da pequena diferença, é a transformação do sentimento da exclusão, que se fundamenta no objeto *a*, na enfatuação imaginária contrafóbica.

Um desejo epistêmico em ato

O desejo do analista é inédito em relação ao desejo inconsciente. Lacan nos dá algumas referências do desejo do analista como operador de uma análise. No *Seminário XI*, ele nos indica que "se a transferência é o que, da pulsão, desvia a demanda, o desejo do analista é aquilo que a traz ali de volta" . O desejo do analista remete a demanda do sujeito à sua vertente pulsional pois a transferência, como amor que demanda amor, escamoteia a realidade sexual do inconsciente ao subsumir o objeto *a* pelo Ideal do eu, em que situa o analista como Outro do amor, $\left(\frac{I(A)}{a}\right)$. O desejo do analista vai contra a tapeação da transferência. O desejo do analista é a verdadeira "contratransferência" (e não o que esse termo se tornou no sentido de efusões sentimentais do analista em relação ao paciente).

Como desejo impuro, ele é desejo de "obter a diferença absoluta", aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem pela primeira vez à posição de se assujeitar a ele . O que podemos escrever: $[d \longrightarrow S_1]$. O que se desdobra em $a \longrightarrow (d) \longrightarrow S_1$. É o desejo de obter o desassujeitamente ao mandamento do Outro, desejo que só pode surgir se esse desassujeitamento adveio para o próprio sujeito para que ele deseje levar um outro (sujeito) a esse ponto. Trata-se de um descompromisso com o poder, de uma liberdade em relação ao mandamento, pois o imperativo do comando caiu ($S_1 \downarrow$). Essas indicações podem ser lidas no matema do discurso do analista.

$$\frac{a}{S_2} \xrightarrow{\quad d \quad} \frac{\not{S}}{S_1}$$

Na Proposição encontramos o desejo do analista definido como um enigma, uma incógnita, um (x) equivalente à enunciação do analista, que se pode encontrar no estilo de cada analista. É a partir dessa incógnita que o analisante qualifica seu ser como (-φ) ou (α). E na Nota italiana, temos a afirmação de Lacan de que só existe analista se o desejo, rejeitado pela humanidade, lhe advém . Eis por que ele, o analista, é rebotalho da humanidade. O analista não está do lado do humano pois o saber vinculado a seu desejo está para além do humano. É o saber sobre a Coisa, ela própria desumana, saber sobre o objeto *a,* que constitui sua desgraça e também sua graça.

O passe no interior de uma análise corresponde ao advento desse desejo, que é um desejo de saber para além do humanismo das boas intenções, do desejo de ajudar o próximo, de tratar ou de cuidar. Trata-se pois de um desejo para além do desejo *sanandi*, do qual Freud aconselha os analistas a se precaverem. Esse desejo tem a marca de uma escolha: marca do desejo correlativo ao saber que vai no sentido contrário à civilização.

Trata-se da marca de um desejo inédito. Em relação a quê? Ao desejo inconsciente e ao saber já constituído. Lacan lança um desafio a ser verificado: é preciso que surja esse desejo inédito para fazer (constituir) o analista. Lacan não

utiliza na Nota italiana o sintagma desejo do analista, ele se refere ao desejo de saber, que se distingue tanto da ciência quanto da civilização. Trata-se de um desejo por um lado vinculado a um saber inédito e por outro lado desvinculado tanto da ciência, que foraclui o sujeito, quanto do discurso do mestre, ou seja, da lei que constitui a civilização propriamente dita.

A redução do desejo do analista ao desejo de saber é uma interpretação "aemepeísta", aliás constatada por vários autores como Claire Harman (AE) e Daniele Silvestre (Membro de um cartel do passe). Que o desejo do analista seja um desejo epistêmico é uma indicação que encontramos nessa Nota italiana, mas ele não se define só pelo saber e sim pelo ato. O desejo do analista, como falta, equivale ao não-saber que enquadra o saber sobre o real pulsional formalizado em significantes. O desejo do analista equivale topologicamente ao furo no Inconsciente definido como rede de saber. Mas essa relação de não saber com o saber não é suficiente por defini-lo.

No Discurso à EFP, Lacan aponta que não há desejo do analista sem ato e na Nota italiana ele acrescenta ainda outro atributo que o caracteriza, o entusiasmo. O desejo do analista não é um desejo triste, conformado com a falta, não é a resignação do conformista, apesar de ser um desejo que assume a falta como consentimento à castração. Trata-se, antes, de um desejo que empolga, anima, vertendo afeto para o âmbito do saber que ele enquadra, conferindo-lhe a conotação de um saber alegre — gaio saber (que em francês designa a poesia dos trovadores). Trata-se de um entusiasmo que se diferencia da militância, expansionismo ou conquista territorial.

O desejo de saber implicado no desejo do analista não é um desejo de querer saber. O desejo aqui não é sujeito, e sim objeto do saber. O desejo é uma característica do saber, mas de um saber que é desejante ($S_2 \longrightarrow d$). O saber está, com efeito, do lado da causa como podemos ler no discurso do analista $\left[\frac{a}{S_2} \xrightarrow{d}\right]$. É um desejo derivado do saber que não há relação sexual, que não há o Outro do Outro, que não há o ato do ato.

O termo da transferência

Uma questão importante que esses dois textos, a Proposição e o Discurso à EFP, nos colocam é o destino da transferência. Lacan utiliza a palavra *terme* (termo) para se referir ao final da relação transferencial.

Terme tem exatamente a mesma acepção que termo em português: é o limite, a raia ou o marco divisório que estrema uma área circunscrita no âmbito espacial. E fim, conclusão, remate, final, no âmbito temporal, são alguns sinônimos dados a termo por Caldas Aulete.

Lacan se refere na Proposição ao termo da relação da transferência quando o desejo não espera mais nenhum objeto que o satisfaça, o que corresponde à queda

do $\$$ da fantasia e à destituição subjetiva. Trata-se da queda do sujeito suposto saber, a desvinculação do desejo do sujeito do desejo do Outro, suportado pelo analista, tendo como resultado que o analista não ocupa mais o lugar de objeto na fantasia do sujeito, e o desejo é então experimentado como pura falta.

Por outro lado, Lacan fala da futilidade do termo "liquidação" em relação à transferência. Ele interpreta a liquidação da transferência como uma denegação do desejo do analista. Como entendê-lo? Senão pelo fato estrutural de que a causa da transferência não se liquida, na medida em que ela é o fundamento do desejo do analista.

O que ocorre ao termo da relação da transferência?

"Quando o desejo tendo se resolvido [quem sustentou o psicanalisante em sua operação], ele não tem mais vontade *d'en lever l'option*", diz Lacan na Proposição. Em francês, *option* é a promessa unilateral de venda pela qual uma pessoa se compromete a vender uma coisa a um preço determinado a uma outra pessoa que aceita a promessa, sem comprometer-se a comprar imediatamente e nem mesmo a *lever l'option*. A expressão *la levée d'option* é a confirmação ulterior de uma tal opção. Em termos analíticos, o desejo, ao termo da transferência, não espera mais nada, não espera a promessa de satisfação, de realização – é pura falta. O que significa que antes ele esperava receber – receber um complemento de ser para satisfazer o sujeito em sua falta de ser, o sujeito como falta-a-ser. Quando o desejo se "resolve", nesse momento, a causa da transferência, longe de se liquidar, se desaloja do analista e se torna causa analítica.

A causa não foi liquidada mas houve resolução da transferência.

Há portanto um termo da relação de transferência analítica que equivale à queda do sujeito suposto saber e nada indica que essa transferência se tornará transferência de trabalho, como reza a doxa "aemepeísta". A relação transferencial enquanto analítica tem um termo que é estrutural e lógico. Sustentar que ela nunca termina é uma impostura equivalente a sustentar que após encontrar a inconsistência do Outro na análise, o sujeito reconstitui o Outro na Escola através da transferência de trabalho. Isso é um modelo carreirista. Pois nem é obrigatório que a transferência analítica se transforme em transferência de trabalho nem que sua contemporaneidade e concomitância sejam impossíveis. Pelo contrário, verificamos como a transferência analítica se não favorece e provoca, pelo menos não impede a transferência de trabalho.

O significante empregado por Lacan para designar o que ocorre com o analista no termo da relação transferencial é o des-ser – perda de ser do analista desvelando o inessencial do sujeito suposto saber. Enquanto para o analisante trata-se de destituição subjetiva. De que destituição se trata? Em primeiro lugar, da destituição dos significantes mestres S_1 aos quais o sujeito se encontra assujeitado (o S_1 institui o sujeito e sua queda o destitui). Mas como a fantasia institui o sujeito como parceiro de um objeto de gozo, sua travessia equivale à destituição do sujeito da fantasia. Trata-se também da destituição da suposição do saber equivalente à separação do saber inconsciente. Do lado do analisante, não há des-ser e sim "efeito de ser" que corresponde

à destituição subjetiva. Lacan utiliza seu próprio exemplo para ilustrá-la: em 1961 quando era atacado na IPA, quando seu ensino foi proscrito, ele afirma não só ter continuado mas se ocupado intensamente dele. Ele não estava aí como sujeito dividido, sofredor, sujeito patológico, mas destituído de subjetividade e avançando em nome de uma causa: a causa analítica. Eis um efeito de ser, ser analista e, no exemplo, Lacan aparece como um guerreiro aplicado, não sujeito às oscilações das paixões do ser.

Para terminar, eu gostaria de evocar a diferença que encontramos na Proposição entre o final de análise e o passe, que é propriamente a virada ao desejo do analista, que corresponde à passagem do analisante a analista. Após os dois exemplos de final de análise para ilustrar a resolução da transferência (termo preferível a liquidação), Lacan diz o seguinte: "Assim o fim da psicanálise conserva em si uma ingenuidade sobre a qual coloca-se a questão de saber se ele deve ser considerado uma garantia na passagem ao desejo de ser analista" (aqui Lacan ainda não distinguia o desejo do analista do desejo de ser analista como o fará no Discurso à EFP). Isso implica em colocar em suspenso a própria afirmação de Lacan de que toda análise levada a seu termo produz um analista, pois pode haver final de análise sem que haja produção de analista, ou seja, sem que tenha havido o ato analítico, ato correspondente ao advento do desejo do analista.

Essa distinção é essencial para redimensionarmos o passe. O passe de Lacan diz mais respeito à passagem ao desejo do analista do que propriamente ao final da análise. Sendo o nosso vetor do passe o desejo do analista, não tem sentido falar de passe de entrada ou passe de final de análise pois trata-se de um só passe: o que verifica o desejo do analista.